

Deus, o imediato e o abstrato**God, the immediate and the abstract****Dios, lo inmediato y lo abstracto**

DOI: 10.5281/zenodo.23251698

Recebido: 07 out 2026

Aprovado: 08 out 2026

Caio César Costa Santos

Mestre em Letras pela Universidade Federal de Sergipe (Lagarto - Sergipe, Brasil)

Orcid ID: <https://orcid.org/0000-0002-3778-035X>

E-mail: cesarinmind@gmail.com

RESUMO

Este ensaio teórico na forma de artigo tem o objetivo particular de apresentar uma análise em duas partes. Na primeira, será dissertado sobre o problema de - como Deus desce à Terra e vai ao homem, em outras palavras, como o homem, na sua imediatidade junto a de Deus, chega a Ele pela via da relação imediata. A segunda parte é mais um apêndice da primeira na qual é apresentado uma descrição sobre o processo de constituição do espaço imediato. Ambas partes tecidas e alimentadas de um teor de abstratividade porque, deixamos claro, que é o abstrato o norte capital de toda lógica estrutural.

Palavras-chave: Deus. Imediato. Abstrato.**ABSTRACT**

This theoretical essay aims to present a two-part analysis. The first part discusses the problem of how God descends to Earth and approaches man—or, in other words, how man, in his immediacy with God, reaches Him through an immediate relationship. The second part serves as an appendix to the first, describing the process by which this immediate space is constituted. Both parts are woven from and informed by an abstract quality, for—as we wish to make clear—the abstract is the guiding principle of all structural logic.

Keywords: God. Immediate. Abstract.**RESUMEN**

Este ensayo teórico, presentado en forma de artículo, tiene el objetivo particular de ofrecer un análisis dividido en dos partes. En la primera, se aborda la cuestión de cómo Dios desciende a la Tierra y se dirige al hombre; dicho de otro modo, cómo el hombre, en su inmediatez con Dios, llega a Él a través de una relación inmediata. La segunda parte funciona como un apéndice de la primera y presenta una descripción del proceso de constitución del espacio inmediato. Ambas partes se desarrollan y nutren de un carácter abstracto, pues —cabe aclararlo— lo abstracto constituye el eje rector de toda lógica estructural.

Palabras clave: Dios. Inmediato. Abstracto.

“O espaço é o abstrato”.
(Gaston Bachelard)

INTRODUÇÃO

Este é um artigo que possui duas faces lógicas sobre o “imediato”. Na primeira, o imediato aparece como uma descrição minuciosa sobre como “Deus desce à Terra e vai ao homem”, seguindo uma ordem e argumento da lógica hegeliana. Já a segunda, serve-se como um apêndice à primeira parte onde tratamos de uma descrição também minuciosa sobre o imediato enquanto estrutura imediata abstrata. Nos dois pontos, a imediatidade do imediato torna-se logicamente reflexo do espaço quando ns relação de Deus com a imediatidade pura, tal relação é do imediato incognoscível à razão humana (tópico 1) e, quando se fala da constituição da espacialidade, é quando o imediato se revela no fenômeno de sua origem (tópico 2). Vamos à nossa explanação.

1. O IMEDIATO I: QUANDO DEUS VAI AO HOMEM

O homem, o ser humano, é carne e espírito. Hegel (2014) mesmo diz que “o homem é espírito”. Porém, vamos falar primeiro da carne.

A mística de Jacob Boehme (2011) da idade média revela uma proeza imensa que é a corruptibilidade e o total e até absoluto perecimento da carne. Como nos diz as sagradas escrituras, o homem foi feito de carne e vértebras. A sua composição foi feita para viver apenas um cento de anos. Na bíblia, Adão e os seus descendentes viveram quase mil anos. A pergunta que vem à tona é: “por que será que a cronologia do homem padeceu, ou melhor, pereceu a ponto disto?

Na origem do mundo, Deus foi Javé, dentro das sagradas escrituras do cristianismo. Passando algumas fases e ciclos, no gênesis, o Deus Javé castiga todos os seres humanos por tamanha, e Ele próprio diz - “por tamanha violência no mundo!”. Em virtude disto, o mundo passa a se corromper totalmente. O mundo é o planeta Terra do animal-humano.

A violência relatada nas sagradas escrituras é tão tamanha que destrói tudo.

Dito isto, a carne da matéria do homem passa a morrer a cada passo que se possa se destinar a dar. O homem, mesmo sendo imagem e semelhança de Deus, passa a fraquejar a todo instante, ininterruptamente. No cristianismo é aí que inicia o perecer da vida. A revelação da dor e do sofrimento sem tamanho.

Neste sentido, o homem passa a sofrer a epigênese da morte e do morticínio devido a isto - ou seja - devido a sua condição violenta de ser instinto, pele e carne. O pecado capital.

Deste lado e dentro desta perspectiva, o homem nasceu ou foi criado para morrer. Nascer, crescer e morrer. Tudo isto nos indica ou revela o lado malévolo e até sombrio do homem que - em contrapartida - nasceu para somente viver!

Em todas as filosofias religiosas, a carne é vista como parte componente da matéria. E, a matéria, para todos eles, significa “morte”, “perecimento”, “decomposição”. Então, devido a isto, o homem sofre e porque sofre não tem para que lado correr quando o teu karma ou destino, como carne, é a morte.

Sobre a vontade de Deus suprema, o homem era para ser imortal. Nos referimos aqui ao corpo. Cristo é imortal em corpo, sangue, alma, divindade e espírito. Nós, não, devido ao castigo herdado de Deus Javé pelo fato do homem chegar a ser absolutamente violento com os outros e até consigo.

Deus, na Sua simplicidade, está sempre, de longe ou de perto, observando o homem, em suas ações, em suas virtudes e como ele vive de um modo geral. Sobre a origem do mundo, que seja assim ou não, isto é o que dizem as sagradas escrituras do cristianismo. De fato, mesmo na simbólica dos fatos, algo ou alguma coisa tem que ter sentido, senão tudo vira um desconhecido, apesar de que Deus é Desconhecido para nós.

Todo este contexto foi para dizer que o homem é totalmente corruptível. No entanto, Deus ainda olha com um olhar de simplicidade para a raça humana porque (e isto é muito evidente para nós todos), de todas as criaturas, Deus escolheu o homem!

Disto isto, começaremos o nosso exame sobre a questão: “Como Deus desce à Terra?”, tendo por base o pensamento da lógica de Hegel.

Hegel (2016) nos ajuda com a lógica do pensamento no volume I da doutrina do ser. Hegel (2014; 2016) diz: “o pensamento é abstrato”. Nota: aqui, o “pensamento” não é a “consciência subjetiva” de sua fenomenologia do espírito, porque embora a consciência e o pensamento sejam, os dois, imediatos - em contrapartida - o conceito de imediatidade que vem à tona faz parte indubitavelmente do próprio pensar. E, segundo Hegel (2018), “é o pensar o conceito de Deus”.

Se Deus, o Onipotente, fez, do homem, a sua imagem e semelhança, o Pai, que é Deus por excelência, o dito Criador, possui também todas as qualidades do homem, pois Pai e filho(s), são a mesma coisa. Dito isto, o pensamento abstrato de Deus já é, por medida e composição, o pensamento abstrato do homem. Os dois, Deus e homem, formam uma unidade indissociável. É o que Hegel defende categoricamente.

O conceito-chave aqui é o conceito hegeliano de “imediatidade”, pois, para Hegel (2016), cito-o: “o ser-aí só consegue chegar ou conhecer a Deus na imediatidade de seu puro pensar”. Hegel (2018) diz que “Deus é a única unidade verdadeira”, e o homem, como imagem Sua, se espelha constantemente nisto. Hegel não diz com estes vocábulos, mas o espelho por onde a imagem divina de Deus passa é o reflexo

puro do conceito da imediatidade do puro pensar do homem em ação. A forma bem como o conteúdo deste puro pensar é conceito da imediatidade humana, como também divina.

Neste sentido, o pensamento do homem só atinge o pensar puro de Deus quando, Hegel (2016) diz, “o nada já foi determinado” por esta relação e dentro desta relação. A unidade de Deus e homem e homem e Deus só se dá “no puro pensar”, diz Hegel (2018).

Hegel (2016) diz que o nada, enquanto nada puro, não é nada porque ele é somente não-ser. Então, nesta lógica, o não-ser não pode, em termos ontológicos, “ser alguma coisa”. Por isto que Hegel (2016) diz que o nada “precisa ser primeiro determinado logicamente”. No começo, a relação de Deus para o homem e do homem para Deus é indeterminada, porque não há nenhum tipo de presença ou apreensão. Dito isto, não há determinação porque aquela relação é não-ser porque não se efetivou, enquanto uma efetividade pura, o Não-Ser de Deus e o não-ser do homem. Logo, determinadamente, Hegel quis dizer que não houve “uma determinação lógica-pura”.

O não-ser é vazio. É nada puro. Então, como o não-ser ou este nada se determina? Hegel explica que, novamente, “pelo puro pensar”. Só que o puro pensar não pode ser ainda quando o nada ainda não foi determinado, por isso que também, assim como, na origem do mundo, segundo algumas tradições religiosas, o Nada veio primeiro. Dos pré-socráticos, o próprio Parmênides, dizia que o Nada veio primeiro, ou melhor, Parmênides se questionava - “quem veio (ou vem) primeiro, o “Ser” ou o “Nada”?

Enquanto o Ser é tudo, por outro lado, o Nada é nada. Mas, como que para Hegel o Nada vem primeiro para se determinar? Hegel (2016) explica que o Nada é o puro vazio, a pura vacuidade e, na história do começo (“começo” aqui no sentido hegeliano), o Nada vem primeiro porque ele é nada; é tão somente acúmulo de vazio ou, no mais, nas palavras de Hegel “pura abstração”.

Hegel admitindo que o Nada é puro vácuo, ele passa a admitir também que Deus é um Nada, Nada Puro. Porque o homem, para conhecer a Deus, chega, primeiro, Hegel (2016) diz - “no nada puro”. Ou seja, tanto Deus como o homem são relações de nadas puros. Mas, enfim, como o nada se determina finalmente? O nada determinado só passa a esta qualidade quando ele deixa de ser nada puro, diz Hegel (2016). Mas, como o nada puro deixa de ser “nada puro”? Como dizemos, na instância do puro pensar.

O homem, na determinação de se tornar “ser” primeiro é “nada”. E a mesma coisa é Deus. Se o homem é imagem e semelhança de Deus e a Sua criatura, o nada do homem, para se autodeterminar, precisa “tocar” o Nada de Deus. Mas, é o Ser a instância que vai determinar o encontro com o Nada, porque, em

termos lógicos, o encontro entre “nada” e “ser” e “ser” e “nada” faz com que o Ser determine o Nada, tornando um Nada Puro (Hegel). De novo, o Ser é o responsável por determinar, logicamente, o Nada, simplesmente porque, no Ser, há “concretude substancial” (mesmo que uma “concretude” abstrativa). Portanto, seguindo esta lógica, o Ser, determinando o Nada, o Nada passa a se tornar um conceito-do-ser. Deste momento em diante, o nada, agora, estando determinado, é onde começa a ação “imediata” (este termo é muito importante) do homem que, pelo pensar, começa, novamente, a inteligir *inicialmente* Deus, mesmo de longe.

Hegel (2016) diz que “Deus é a relação tão somente de consigo para consigo”. Nisto, Deus é Nada e Ser. Mas, como explicamos, quando o homem envolve-se determinadamente em determinar o Nada de Deus, Deus também, então, determina o nada do homem. Então, sendo assim, não haveria porque existirem mais dois nada puros, mas, agora, dois nadas determinadas. E, aí, é quando o “Ser” entra.

Com o nada não mais “puro”, mas “determinado”, o ser inicia a relação imediata com estas duas instâncias - Deus e homem. O “ser” é “substância” e o “nada” é “nada”, então, o “ser”, sendo qualidade mais do que o “nada”, “imediata” a relação, tornando o próprio “ser” e o “nada” duas puras imediatidades. O “ser” tem corpo, o “nada” é vazio. Portanto, o “ser” passa a “preencher” o nada de “determinação” pelo conceito-de-ser “ser”.

Então, a determinidade de ser, pelo puro pensar, não é mais nada, mas ser. Portanto, o nada determinado se torna um “ser determinado” com toda a qualidade de “ser”. O nada, não sendo mais nada agora do que “ser”, inicia-se, como dizemos, a determinidade da imediatidade da relação de Deus para com o homem e do homem para com Deus.

A imediatidade é uma determinidade que incita a determinação que, logo, Hegel (2016) vai dizer que “a determinidade da imediatidade da relação de Deus para consigo e de Deus para com o homem é o puro pensar”. No contrário, quando temos o homem a relação é igual. Ou seja, os imediatos não podem se contradizer, pelo contrário, “os imediatos”, apesar de se defrontarem com a mediação da determinação, eles se encontram.

O imediato Deus passa a ser o imediato homem, na unidade verdadeira e imanente. Ou seja, a imanência da relação é a unidade de dois imediatos, puros e próprios. Nesta relação, a mais dupla de todos, ou melhor, uma porque se faz só um imediato de dois, Deus começa a descer da Terra, muito embora Deus também seja a Pura Omnisciência advindo do Puro Reflexo da Vida!

O homem, nesta relação, não é mais um nada, muito pelo contrário, o homem (o “ser-aí”) já é “ser” e não “nada”, portanto, o ser-aí, que é o homem, está presente de substância, teor e luz, assim, o advir ou o advento da passagem imediata (ou “instantânea”), que é Deus, estaca a sua imediatidade no “aí”, ou seja, na imediatidade puramente imediata do “lugar” do homem na Terra. Então, com este sentido e dentro deste contexto, o ser-aí, que é o homem, está mais próximo de Deus.

Outro problema desta relação “puramente imediata”, como Hegel (2018) gosta de dizer, é a fé. Nas Lições de Filosofia da Religião, no curso de 1827, Hegel (2018) diz - “o único caminho das religiões para o encontro com Deus é a fé”, “a fé é a substância e o pensamento é o puro pensar para a determinação”. Vê-se que o caminho da relação ou do, se quer dizer assim, do interrelacionamento de Deus com o homem e do homem com Deus é, por um lado, o “puro pensar” que determina, suaviza, aproxima e, o principal, relaciona os dois seres “Deus” e “homem e - por outro lado - a fé que, esta, torna-se imprescindível para o encontro e até uma comunicação entre ambos.

Há uma negatividade, que vem do “nada” e, por outro lado, há uma positividade, que vem do “ser”. É assim que, no começo, da Ciência da Lógica, o Vol. I, Hegel (2016) nos apresenta a relação dialético-negativa entre o “ser-aí” e “Deus”, sempre as duas instâncias sendo equiparadas no conjunto da contradição, própria da dialética hegeliana. Hegel (2016) fala do “Uno” e o uno é Deus e o ser-aí, o ser-aí e Deus, sem hierarquias, mas apenas diferenças. Hegel (2016) diz na Lógica que “um subsume o outro, mas que nunca estão fora”, da relação.

Assim, o homem, nesta relação, como “ser-aí”, vai sobrevivendo à lógica contrária, sendo, no começo, “nada”, para depois, de modo imediato, ser um “ser”. Contudo, lembrando, o nada determinado se determinou e, portanto, aderiu ao “ser” simplesmente porque se determinou, assim, isto demonstra que Deus desce do Alto para o encontro com o ser-aí no início como Nada porque Deus, em muitas tradições religiosas, Deus é Nada e Nada é Deus -isto têm amplas interpretações, muitas da vezes, muito confusas. No entanto, esta expressão, que também é hegeliana, quer dizer, em linhas apenas literais, “Deus é Nada porque Deus é o Tudo”.

Portanto, seguindo esta lógica, Hegel (2018) quer nos demonstrar, determinadamente, que Deus, como “única unidade verdadeira”, é tão somente O Único e, portanto, a única unidade imediata e verdadeira existente. De resto, tudo o mais é contradição, diferença e nada!

Vê-se que este primeiro tópico foi uma iniciada provocação em torno de um problema capital, profundo e até absoluto... Portanto, tocamos apenas o tema com uma singela suavidade para ou afim de despertar no leitor de Hegel um gosto a mais pela temática em questão. Em suma, queremos dizer com isto que o fato da problemática de - “Deus descer à Terra” é um problema filosófico-teológico, em termos lógicos, ainda por questionar...

2. O IMEDIATO II: QUANDO O ESPAÇO IMEDIATO ADERE À SUPERFÍCIE

Começar a falar do imediato é quase que incognoscível. Porque o campo transcendental por onde se abre o infinito da espacialidade das coisas é bastante *profundo*. Neste ensaio, o que se propõe aqui é uma sucinta, específica e detalhada determinação da apreensão do *fundo* do imediato. Em outras palavras, o nosso propósito capital aqui é a processualidade da determinação, descrição e formação do espaço imediato de cuja imediatidade repousa na absolutização total do espaço absoluto ao fazer duas coisas instantâneas - 1) tornar a imediatidade do espaço imediato absoluta - e - 2) Ser “absorvido” o imediato pelo espaço absoluto.

Na determinidade de todas as coisas soltas no ar da atmosfera, o espaço e, mais especificamente, o tipo de espaço que é o “espaço imediato”, possui, somente na sua absoluta imediatidade, que evolui dentro de seus caracteres próprios de espacialidades no eixo da atmosfera, ele possui o fundo do mundo de todo o mundo *material*. Sua determinidade característica repousa na ideia de um “entrar para dentro de si mesmo a cada vez e a cada momento”. Porque, poucos sabem, como dizem os esotéricos, o espaço é um grande mistério. A raça humana ainda não conseguiu descobrir tudo sobre o espaço na sua imensidão infinita. Mas, é diante de sua “interioridade própria e imanente” que o espaço imediato, assim como qualquer outro, respira o alento da existência, sendo este “alento da existência” o imediato como uma fratura ou um membro do espaço absoluto das coisas.

Inicialmente, este ensaio pretende isto: dentro de uma lógica metafísica transcendental, acolher o *imediato do espaço* e tentar, na nossa melhor das hipóteses, descrever sucintamente alguns dos véus escondidos e camuflados que escondem a real realidade lógico-metafísica das profundezas da interioridade do espaço imediato, revelando a sua *estrutura imediata*. E mais: tratamos aqui de uma “estrutura”, ou seja, o espaço será visto como “forma de estruturação” da determinidade *de sua interioridade* própria e imanente. Destarte, o lado obscuro disso é cair nos abismos mais profundos do espaço e, de lá, não sairmos. Em suma, esta foi a introdução inicial. Pretendemos, agora, nos próximos tópicos, dissertar e descrever este processo *in abstrato*.

Quando se fala em “estrutura imediata”, há que se pensar na “estruturação da superfície do espaço”. E, o que é, em poucas palavras, o espaço? O espaço é fundo. A estrutura é um estrutural que contempla de longe e em admiração os elementos, concretos e abstratos. A superfície do mundo material é o espaço, mas a envoltura do mundo não foi jamais o espaço. A estrutura imediata do mundo material é tão somente “estilhaços reflexos de espacialidade”. O evento criatural (da Criação) do espaço, ou seja, a superfície mesma do espaço do mundo material é o “imediato” ou a “estrutura imediata”.

O campo por onde se abrem as relações espaciais é um *campo imediato*. Cada lado, ou melhor, cada estrutura de superfície dos estilhaços das imediatidades espaço imediato é a conjuntura *in una*, ou seja, há um espaço para vários reflexos infinitos deste. O valor de cada determinidade de “ser” o imediato é o resultado do conjunto dos estilhaços de pedaços de espaços imediatos de cujo valor total se encontra medido infinitamente na proporção das várias aberturas, imateriais, abstratas e transcendentais, que o espaço forma do tecido conjuntural e amplo das imediatidades alojadas em cada estilhaço de espacialidade.

A vida, de um modo geral e, aqui, “espacial”, nos referimos à vida material, é a substância, material e imaterial, do espaço das coisas. Cada coisa, dentro de seu núcleo egóico e transcendental, desperta, no núcleo espacializante do espaço das coisas e elementos, o seu lado elementar, próprio e único. Queremos dizer com isto que, na sobrevivência no mundo material, cada elementar espacial se retroalimenta, cada qual em seu eixo e universo, das várias estruturas que caminham, juntas, estruturando, isto é, “bem-dizendo”, ou seja, rearranjando, reformulando e reestruturando, cada forma, cada cor, cada tom, cada desenho, cada suavidade, cada tom de pensamento, cada teor de carne, de molécula, de átomo, de éter, ou seja, no mais e em sua totalidade característica, cada imediato “seu”, tomando este “seu”, um universo de processualidades abstratas espaciais que dizem respeito, ainda, como dizemos, à conjuntura o “ser-imediato-ser-ele-mesmo” em cada superfície, em cada ponto ou em cada lastro, próprio e seu.

Novamente, o campo por onde se abre o núcleo do mundo se encontra no fundo do próprio mundo e este “fundo” é este mesmo mundo junto ao espaço. A estrutura imediata de sua potência abstrata, que aqui é o conceito central de nossa tese, repousa na ideia de “ato” e “potência” bem no fundamento e na apresentação que a santa Edith Stein (1994) disserta brilhantemente a tua tese sobre “O ser finito e o ser eterno”.

O universo da potência abstrata da estrutura imediata como vimos é o espaço, ou seja, só pode ser o “espaço”. Acontece que, e aqui esta a divisão ou ruptura central desta nossa tese, a saber, “o espaço é além de infinito, invisível”. Porque, caro leitor, aquilo que vemos, no eixo perfeito de nossa visão pequena, é apenas um lúgubre vislumbre de um mínimo de estado reflexivo da mente, do cérebro e da visão. Isto se confirma no esoterismo de Blavatsky (2007) quando ela diz algo como “o fundo do espaço é incognoscível

assim como o Criador o é”. Esta relação de eterna e até insondável “invisibilidade” do espaço sendo ele até “incognoscível” nos leva a uma reflexão central, a saber, - “se o espaço é infinito, invisível e incognoscível, ele necessita, por ordem mesma da natureza, de ser “entreaberto”.

Queremos dizer com isto que há dois espaços em um só. Porque ele, o espaço, se entreabre reflexivamente para se autodeterminar. E, nesta sua determinação característica, abrir mundos.

A conjuntura é sempre mesma na vastidão infinita do espaço imediato. É assim o processo: a superfície demanda uma estruturação de uma estrutura, própria, imanente e única, sendo assim, vem logo em seguida a estrutura da imediatidade do imediato para, assim, e só deste modo, fazer surgir o “imediatismo” do espaço-imediato. Esta conjuntura, novamente, estrutura cada índice ou porção de imediatidade dentro obviamente de cada superfície imediata. Torna-se importante ter em mente que uma “superfície” aqui é, por exemplo, “um único e solitário, “ponto”, na medida pueril e absolutamente infinita do Grande Espaço de toda a Criação.

O eixo de cada limite espacial dentro obviamente de cada ponto de cada superfície pontual, este eixo recupera espacialmente e territorialmente o limite indivisível de sua solitária imediatidade. Ou seja, cada superfície *é-o-espaço-imediatamente*. Aqui, o termo semântico chave é “constructo” para uma visão ordinariamente “humana”, “material” e “mundana”. Porque o “campo” por onde se abre cada ponto passa a ser construído com a parte elementar e abstrata da superfície. Um desenho no ar da atmosfera do espaço se retroalimenta de “pontos” que se suavizam para “linhas” e, logo em seguida, depois de “desenhar” espacialmente um linear, passam a formar aspectos elementares para, finalmente, formar “figuras e geometrias várias”.

O morphos, ou seja, toda a forma ou estrutura se insinua ou fundamenta aquilo que é o espaço. Queremos dizer com isto que a expressão “morphos” do latim designa em sua estrutura uma “estrutura” e, diante de sua estruturação, toda estrutura, nesta aspectualidade, foi ou está-sendo um “espaço”. Isto quer dizer que a estrutura é “imediate” justamente porque, em sua inteireza, isto é, em sua natureza, o espaço é “natural natureza abstrata imediata”. Isto leva-nos a crer e considerar que em toda “lógica” se encontra escondido uma “estrutura”, sendo “esta”, inicialmente e potencialmente e até infinitamente, “imediate”.

A estruturação de todo imediatismo é o mediar em assunção a toda espacialidade. É por isto que falamos que todo “imediatismo” ou que toda “imediatidade” é reflexo puro de todo tipo de espaço. Porque o “imediato” como foi para o Sr. Hegel um “universal”, para nós aqui é a mesma coisa - tese: - “em toda superfície, há um imediato-velado”. Assim também, como para Hegel (2016), como grande filósofo da “imediatidade”; para ele; “Deus é o Absoluto Imediato”. Sendo assim, o resto e tudo o mais é *imediatez-do-imediato*.

Cada forma, sendo uma forma-de-superfície, é o campo idealizante e morfosintetizante do ser de cada espaço. Assim, Hegel diz que a imediatidade é a determinidade abstracto-conceitual do imediato. E, podemos tentar complementar assim, - “o ser do imediato está contido em toda determinidade abstracta-conceitual do espaço imediato”. Para isso, o espaço totalizante precisa se adequar à cada uniformidade formal e conceitual do ser do imediato.

O constructo já é, para uma medida e uma ordem, a aspectualidade totalizante de ser alguma coisa, na medida, espacial. Por isto que tratamos do “espaço” como um “fenômeno”.

Isto é, a fenomenalidade de todo o espaço tem o seu começo em cada ponto que brilha desde o começo das coisas. O contexto ideal para isto se explica novamente na “imediatidade”. Porque cada começo, no contexto do espaço que se espacializa em todas as dimensões, este começo, caro leitor, é revestido por uma envoltura imediata. Porque, a lógica ou o segredo por trás dos vários e infinitos mistérios do espaço, é, em suma e com intenção de nos equivocarmos, é o mistério do “Imediato”, das coisas imediatas mesmo.

Porque em todo o mundo material, por ser “matéria”, há espaço e, por ser “espaço”, há o imediato em tudo. Como dizemos, em todo o desenho, ou melhor, em toda a forma, há em seu começo ou em seu fim, um “imediato”. Porque o imediato começa naquilo que é superficialmente concreto. Logo em seguida, a estrutura imediata aparece em todo tipo de superfície, digamos, em toda a superficialidade para se chegar, por fim, em todo o núcleo espacial abstrato e imaterial. Portanto, somos da defesa de que: - “o espaço é imaterial”. Como em todo o elemento abscondito da natureza que no início é “espírito” para depois ser “forma”. Com o espaço não seria diferente.

Caro leitor, o teor destas palavras soa abstrato, mas só pode ser assim mesmo. A estrutura abstrata imediata toma, em seu tom, em seu teor e em seu ritmo próprios, uma geometrização que se esconde imanente em cada ponto desta superfície. Queremos dizer que a estrutura abstrata imediata é o campo entreaberto não tão somente o espaço total e absoluto. Cada forma é um espaço pequeno. E cada geometria é uma sua pequena relação. E o multiforme em cada é o uniforme de toda esta relação.

A estrutura transcendental de toda forma é uniforme em toda medida, em todo tom e em todo fenômeno. Com especial atenção para a forma imediata que, em seu modo transcendente de ser uma forma imediata, toca toda superfície inicialmente “concreta” para, na transcendência de seu modo de ser, atingir núcleos mais abstratos. A sobrevivência de cada típica deste o espaço é o responsável por entreabrir todos os núcleos das imediatidades de todo o fenômeno imediato. Porque o molde de cada elemento do espaço é a forma de cada ser seu imediato.

A dimensão do imediato é a sua imediatez de origem. Porque a substância do imediato pulsa em cada elemento seu da natureza. Ou seja, cada constructo seu, imediato, é a pureza-imediatez da imediatidade como nos diz Hegel. O ideal puro do imediato é o fenómeno abstrato por excelência; ou seja, seu em medida, tom e forma. Cada etapa evolutiva do mundo material se compõe de estilhaços de imediatos, de estruturas imediatas, sendo, em cada aspecto contido seu, toda forma e toda superfície.

A totalidade da estrutura imediata ao se entreabrir abre porções de mundo na imaterialidade e invisibilidade próprias suas. Cada “mundo” aberto é uma entre-chave à possibilidade de abertura do campo das coisas, materiais e abstratas. Se formos dizer algo em sua totalidade sobre o imediato ou a estrutura imediata, dizemos: - “o imediato ou a estrutura imediata é o concreto do abstrato”.

Para Hegel (2016), na lógica, o conceito para o abstrato da estrutura imediata é a própria imediatidade que vive na imediatez pura de teu próprio convívio.

Assim, o conceito para abstrato é imediato. Porque o abstrato-imediato é, logicamente falando, a sua própria mesmidade mesma de origem.

Pelo que se vê, tal problemática do espaço abstrato é caminho insolúvel, pois quanto mais um elemento teu cai no teor da aquosidade de um elemento como a água, se dissolve, mas nunca perece. E, está aí, um difícil problema para nós da filosofia, isto é, - “por que o espaço abstrato nunca perece, tanto que, ao se perecer, parece para nós que este “perecimento” é somente mais superfície, ponto e medida, porque é no sucumbir-se mesmo espacialmente que aqueles estilhaços de imediatos surgem ao novamente reestruturarem as porções abstratas da estrutura imediata.

CONCLUSÃO

Em vias de concluir, podemos dizer que Hegel estava correto ao nos trazer, na sua Lógica, um arcabouço ou uma estruturação sobre a imediatidade da imediatez do imediato que, aqui, chamamos de “estrutura imediata”.

Esta foi apenas uma apresentação sumária sobre o tema. Futuramente, poderemos desenvolver mais tal lógica.

REFERÊNCIAS

BACHELARD, G. **A poética do espaço**. São Paulo: Martins Fontes, 2008.

BLAVATSKY, H. **Cosmogênese**. São Paulo: Pensamento, 2007.

BOEHME, J. **A aurora nascente**. São Paulo: Polar, 2011.

HEGEL, G. **Fenomenologia do espírito**. Petrópolis: Vozes, 2014.

_____. **Ciência da lógica I: a doutrina do ser**. Petrópolis: Vozes, 2016.

_____. **Filosofía de la religión: últimas lecciones**. Madrid: Editora Trotta, 2018.

STEIN, E. **Ser finito y ser eterno**. Espanha: Fondo de Cultura Económica, 1994.